





BESTIÁRIO
KAFKA DE
KAFKA



BESTIÁRIO KAFKA DE

SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE
ÁLVARO GONÇALVES

TRADUÇÃO DE
ÁLVARO GONÇALVES, MANUEL RESENDE,
TERESA SERUYA, ANA FALCÃO BASTOS
E JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

A TRANSFORMAÇÃO
METAMORFOSE

[1912/1915]

TRADUÇÃO DE ÁLVARO GONÇALVES

I

Quando uma manhã Gregor Samsa acordou de sonhos inquietos, viu-se na sua cama transformado num monstruoso inseto. Estava deitado de costas, rijas como uma couraça, e, cada vez que levantava um pouco a cabeça, via a barriga castanha, abaulada e dividida por escoras em forma de anéis, no cimo da qual a coberta, prestes a resvalar por completo, mal se aguentava. As suas muitas patas, lastimavelmente delgadas em comparação com o resto do corpo, tremulavam, desamparadas, diante dos olhos.

«O que me aconteceu?», pensou ele. Não era um sonho. O seu quarto, um quarto normal, só que demasiado pequeno, estava ali, sossegado, entre as quatro paredes familiares. Por cima da mesa, sobre a qual se estendia um mostruário de tecidos desempacotado — Samsa era caixeiro-viajante —, estava pendurada a estampa que recortara recentemente de uma revista ilustrada e colocara numa

bonita moldura dourada. Representava uma senhora, sentada direita com um chapéu de pele e uma boá, brandindo contra o espectador um pesado regalo de pele, que cobria por completo todo o seu antebraço.

O olhar de Gregor dirigiu-se então para a janela, e o tempo sombrio — ouvia-se o gotejar da chuva na chapa do parapeito — tornou-o profundamente melancólico. «Que tal se dormisse ainda mais um pouco e me esquecesse de todas estas tolices», pensou, mas isso era totalmente inexecutável, pois estava habituado a dormir sobre o lado direito, mas na situação presente não conseguia pôr-se nessa posição. Fosse qual fosse a energia que empregasse para se atirar para o lado direito, voltava a baloiçar para a posição de costas. Deve ter tentado umas cem vezes, fechou os olhos para não ter de ver as patas que se agitavam e só desistiu quando começou a sentir de lado uma dor ligeira, indistinta e nunca antes sentida.

«Ai, meu Deus», pensou, «que profissão cansativa fui escolher! A viajar, dia sim, dia não. As preocupações relacionadas com os negócios são muito maiores do que se estivesse na firma propriamente dita, para não falar neste tormento de viagens que me são impostas, a preocupação que se tem de ter com as ligações dos comboios, as refeições más e irregulares, um relacionamento humano sempre instável, nunca duradouro e que

nunca chega a ser afetuoso. Diabos levem tudo isto!» Sentiu uma leve comichão no cimo da barriga; arrastou-se lentamente sobre as costas em direção à cabeceira da cama a fim de poder levantar melhor a cabeça; encontrou o sítio da comichão, coberto de pequenos pontinhos brancos, que não soube explicar; e quis tocar no sítio com uma pata, mas retirou-a de imediato, pois, ao tocar, sentiu-se invadido por uma sensação de calafrio.

Deslizou de novo para a posição anterior. «Isto de acordar cedo», pensou, «torna uma pessoa completamente estúpida. Uma pessoa precisa do seu sono. Outros caixeiros-viajantes vivem como mulheres num harém. Quando, por exemplo, regresso à pensão durante a manhã para averbar as encomendas conseguidas, ainda estes senhores estão a tomar o pequeno-almoço. Eu que experimentasse fazer isso com o meu chefe; ia logo para a rua. Quem sabe, já agora, se não seria o melhor para mim. Se não fosse eu conter-me por causa dos meus pais, há muito que me tinha despedido, dirigia-me ao chefe e abria-lhe a minha alma. Havia de cair da secretária! Também é um hábito estranho, esse de se sentar em cima da secretária e falar de cima para baixo com o empregado, que, de mais a mais, tem de aproximar-se bem perto dele por causa da surdez do chefe. Pois bem, ainda não perdi por completo a esperança; quando

conseguir juntar o dinheiro para lhe pagar a dívida dos pais — isso deve demorar ainda cinco a seis anos —, fá-lo-ei sem falta. Então será a grande ruína. No entanto, por agora, tenho de me levantar, o meu comboio parte às cinco horas.»

E olhou para o despertador, que fazia tique-taque em cima do armário. «Santo Deus!», pensou. Eram seis e meia, e os ponteiros avançavam tranquilamente, já passava da meia hora, era quase um quarto para as sete. Será que o despertador não tocou? Via-se da cama que o relógio estava regulado corretamente para as quatro horas; certamente que tinha tocado. Sim, seria possível continuar a dormir tranquilamente com um toque que chegava a fazer vibrar os móveis? Bem, não tivera propriamente um sono tranquilo, mas, talvez por isso mesmo, fora ainda mais profundo. Mas o que havia ele de fazer agora? O próximo comboio partia às sete horas; para o apanhar, tinha de se despachar que nem um louco, e o mostruário ainda não estava empacotado, e ele próprio não se sentia nada fresco nem ágil. E mesmo que conseguisse apanhar o comboio, era inevitável a gritaria do chefe, pois o empregado da firma esperara pelo comboio das cinco horas e tinha há muito comunicado a sua falta. Não passava de uma criatura do chefe, sem dignidade nem inteligência. Que tal se desse parte de doente? Mas isso seria extremamente embaraçoso e suspeito, pois Gregor, durante os seus

cinco anos de serviço, não estivera sequer uma única vez doente. Certamente que o chefe viria com o médico da caixa de previdência, censuraria os pais por terem um filho preguiçoso e rejeitaria sumariamente todas as objeções, reportando-se ao médico da caixa de previdência, para quem existem apenas pessoas completamente saudáveis, ainda que mandrionas. Aliás, será que, neste caso, ele estaria assim tão errado? Tirando uma sonolência na verdade supérflua após um longo sono, Gregor sentia-se de facto muito bem e estava com uma fome particularmente intensa.

Enquanto refletia precipitadamente sobre tudo isto, sem conseguir tomar a decisão de abandonar a cama — o despertador acabava de marcar um quarto para as sete — ouviu-se bater à porta junto à cabeceira da sua cama. «Gregor», ouviu-se dizer — era a mãe —, «é um quarto para as sete. Tu não querias sair?» A doce voz! Gregor assustou-se ao ouvir a sua própria voz a responder, era inconfundivelmente a sua voz de sempre, mas com a qual se misturava, como que vindo lá de baixo, um piar doloroso, impossível de reprimir, que, na verdade, deixava expressar as palavras com clareza apenas no primeiro momento, para depois as destruir numa ressonância tal que não se sabia se se tinha ouvido bem ou não. Gregor quisera responder e explicar pormenorizadamente, mas,

tendo em conta as circunstâncias, limitou-se a dizer: «Sim, sim, obrigado, mãe, já me levanto.» É provável que, por a porta ser de madeira, a alteração na voz de Gregor não se tenha notado lá fora, pois a mãe, satisfeita com esta explicação, afastou-se, arrastando os pés. Mas a pequena troca de palavras fez com que os outros membros da família se tivessem apercebido de que Gregor, ao contrário do que seria de esperar, ainda se encontrava em casa, e já o pai batia suavemente mas com o punho numa das portas laterais. «Gregor, Gregor», chamou ele, «o que se passa?» E, pouco depois, voltou a advertir com uma voz mais grave: «Gregor! Gregor!» Mas na outra porta lateral era a irmã que se lamentava baixinho: «Gregor? Não te sentes bem? Precisas de alguma coisa?» Gregor respondia para ambos os lados: «Estou quase pronto», e, com uma pronúncia cuidada e introduzindo longos intervalos entre cada uma das palavras, esforçava-se por retirar à sua voz tudo o que chamasse a atenção. O pai regressou ao seu pequeno-almoço, mas a irmã sussurrou ainda: «Gregor, abre a porta, imploro-te.» Mas Gregor não tinha a mínima intenção de a abrir, antes pelo contrário, louvava a prudência adquirida nas viagens, de trançar todas as portas durante a noite, mesmo estando em casa.

Antes de mais, queria levantar-se calmamente e sem ser incomodado, vestir-se e, sobretudo, tomar o pequeno-almoço e, só depois, pensar no resto, pois, como acabara de notar, na cama, com as suas reflexões, não chegaria a nenhuma conclusão razoável. Lembrava-se de ter sentido frequentemente na cama uma qualquer ligeira dor provocada por uma má posição, que, ao levantar-se, se revelara puramente imaginária, e estava ansioso por ver como as impressões de hoje desapareceriam pouco a pouco. Que a alteração da voz não passava do indício de uma valente constipação, uma doença profissional dos caixeiros-viajantes, não tinha a menor dúvida.

Foi extremamente fácil deixar cair a coberta; precisou apenas de encher um pouco o peito de ar e ela caiu por si. A partir daí as coisas tornaram-se mais difíceis, sobretudo porque ele era invulgarmente largo. De resto, teria precisado de braços e mãos para se sentar na cama; em vez disso, tinha somente as muitas patinhas que se movimentavam ininterruptamente nas mais variadas direções e que, para além disso, não conseguia controlar. Sempre que queria fletir uma delas, era logo a primeira a esticar-se; e quando finalmente conseguia executar com esta pata aquilo que queria, todas as outras, entretanto, entravam em ação, como que libertas, numa agitação descontrolada e dolorosa.

«Tudo menos ficar na cama sem fazer nada», disse para si próprio Gregor.

Primeiro queria sair da cama deslocando a parte inferior do corpo, mas esta parte inferior, que, de resto, ainda não vira e da qual não podia fazer uma ideia precisa, revelou-se demasiado difícil de movimentar; estava a ser tudo tão lento; e quando, finalmente, já enfurecido, se atirou com toda a força para a frente, sem nenhum cuidado, escolhera mal a direção, pois bateu violentamente contra a parte inferior do pé da cama, e a dor aguda que sentiu ensinou-lhe que precisamente a parte inferior do corpo era a mais sensível.

Por isso fez os possíveis para retirar primeiro a parte superior do corpo, virando cuidadosamente a cabeça para a borda da cama. Foi fácil fazê-lo, e apesar da largura e do peso, a massa do corpo seguiu por fim, a pouco e pouco, a viragem da cabeça. Mas quando finalmente manteve a cabeça suspensa, fora da cama, teve medo de continuar a avançar desta maneira, pois se se deixasse cair assim, só por milagre a cabeça não ficaria ferida. Perder os sentidos era o que menos lhe interessava, sobretudo agora; preferia continuar na cama.

Mas quando, após um esforço idêntico, voltou a ficar deitado, a suspirar como dantes, e viu de novo as suas patinhas lutando umas contra as outras, porventura ainda com mais força, e não

descortinando nenhuma possibilidade de impor ordem e sossego nesta arbitrariedade, disse de novo para si próprio que era impossível continuar deitado e que o mais razoável seria sacrificar tudo, caso houvesse a mais pequena esperança de, assim, se libertar da cama. Ao mesmo tempo, não se esquecia de, ocasionalmente, pensar que era muito melhor refletir o mais calmamente possível do que tomar decisões desesperadas. Nesses momentos, fixava o olhar na janela com a maior concentração possível, mas infelizmente a contemplação do nevoeiro matinal, que chegava até a encobrir o outro lado da estreita rua, oferecia-lhe pouca confiança e alegria. «Sete horas já», disse para si próprio, quando o despertador tocou de novo, «sete horas já, e ainda um nevoeiro destes.» E continuou deitado durante alguns instantes, sossegado, respirando calmamente, como se, do silêncio profundo, esperasse talvez o regresso da situação real e normal.

Mas depois disse para si próprio: «Antes das sete e um quarto tenho de estar, sem falta, completamente fora da cama. De qualquer modo, até lá, há de aparecer aqui alguém do escritório a perguntar por mim, visto que o escritório abre antes das sete horas.» E pôs-se então a balançar o corpo em todo o seu comprimento, de um modo uniforme, para fora da cama. Se se deixasse cair da cama desta forma, a cabeça, que ele pretendia manter

bem erguida durante a queda, ficaria previsivelmente intacta. As costas pareciam ser duras; provavelmente nada sofreriam com a queda em cima da carpete. O que mais o preocupava era o receio do grande ruído que isso provocaria, causando, provavelmente, se não medo, pelo menos preocupação atrás de todas as portas. Mas tinha de correr o risco.

Quando Gregor ressaía já com metade do corpo fora da cama — o novo método era mais uma brincadeira do que um esforço, pois ele precisava apenas de se balançar aos arrancos —, pensou como tudo seria simples se alguém o viesse ajudar. Duas pessoas fortes — pensou no seu pai e na criada — teriam sido mais que suficientes; teriam precisado apenas de enfiar os braços por baixo das suas costas arqueadas, fazê-lo deslizar para fora da cama, curvar-se com a carga e, depois, esperar cuidadosamente que ele desse uma cambalhota para o chão, onde então as patinhas provariam a sua razão de ser. Pois bem, independentemente do facto de as portas estarem fechadas, deveria ele ter gritado mesmo por socorro? Apesar da situação difícil em que se encontrava, não conseguiu deixar de sorrir perante essa ideia.

Já atingira uma posição em que, baloiçando com mais força, dificilmente conseguiria manter

o equilíbrio, e muito em breve tinha de se decidir definitivamente, pois daí a cinco minutos seriam sete e um quarto — quando se ouviu o toque da campainha da porta da rua. «É alguém da firma», disse para si próprio e ficou quase paralisado, enquanto as suas patinhas dançavam ainda mais rapidamente. Durante um instante, ficou tudo silencioso. «Ninguém abre a porta», disse Gregor para si próprio, enredado numa qualquer esperança absurda. Mas depois, naturalmente, como sempre, a criada foi à porta, em passo firme, e abriu-a. Gregor apenas precisou de ouvir a primeira palavra de saudação do visitante para saber de imediato quem era — o gerente em pessoa. Porque estaria apenas Gregor condenado a trabalhar numa firma em que a mais pequena falta levantava logo as maiores suspeições? Seriam então todos os empregados sem exceção uns patifes, não haveria entre eles uma única pessoa que fosse leal e dedicada, alguém que, não tendo despendido apenas umas poucas horas da manhã à firma, ficasse roída pelo remorso e não fosse por isso capaz de sair da cama? Será que não era suficiente mandar um aprendiz para se informar — se é que era necessária esta mania das perguntas —, tinha de ser o próprio gerente a vir e tinha de ser demonstrado à família inteira, que nada tinha a ver com o assunto, que a averiguação deste caso suspeito só podia

ser confiada ao entendimento do gerente? E foi mais na sequência da agitação provocada por estas reflexões do que de uma decisão consciente, que ele se lançou da cama com toda a força. Houve um baque sonoro, mas não foi propriamente um estrondo. A queda foi em parte abafada pela carpete, as costas também eram mais elásticas do que Gregor pensara, por isso ouviu-se o som surdo que não era assim tão espampanante. Só não conseguira segurar a cabeça com o cuidado suficiente, tendo batido com ela; virou-a e esfregou-a na carpete, cheio de raiva e dor.

«Caiu qualquer coisa lá dentro», disse o gerente na divisão da esquerda. Gregor tentou imaginar se não poderia um dia acontecer também ao gerente algo semelhante ao que lhe acontecera hoje a ele; tinha de se admitir essa possibilidade. Mas como que respondendo bruscamente a esta pergunta, o gerente deu alguns passos decididos na divisão do lado, fazendo ranger as suas botas de verniz. Na divisão da direita, a irmã segredava para informar Gregor: «Gregor, está cá o gerente.» «Eu sei», disse Gregor para si próprio; mas não ousou elevar a voz de modo que pudesse ser ouvido pela irmã.

«Gregor», disse então o pai da divisão da esquerda, «veio cá o gerente e quer saber por que razão não apanhaste o comboio da manhã. Não sabemos o que devemos dizer-lhe. Aliás, ele quer

também falar pessoalmente contigo. Portanto, por favor, abre a porta. Ele certamente saberá desculpar a desarrumação do quarto.» «Bom dia, senhor Samsa», disse o gerente, intervindo amigavelmente. «Ele não está bem», disse a mãe ao gerente, enquanto o pai continuava a falar à porta, «ele não está bem, acredite, senhor gerente. Como poderia de resto Gregor perder o comboio! O rapaz não pensa noutra coisa senão na firma. Quase me irritado por ele nunca sair à noite; há oito dias que está na cidade, mas passou todas as noites aqui em casa. Fica aí sentado à mesa connosco e lê silenciosamente o jornal ou então estuda os horários. Trabalhar com a serra de arco já é uma distração para ele. Por exemplo, em duas ou três noites, entalhou uma pequena moldura; ficaria espantado se visse como ficou bonita; está pendurada aí dentro no quarto; vai ver logo que o Gregor abra a porta. Aliás, sinto-me feliz que esteja aqui, senhor gerente; nós sozinhos não teríamos conseguido fazer com que ele abrisse a porta; ele é tão teimoso; e de certeza que não está bem, apesar de o ter negado hoje de manhã.» «Já vou», disse Gregor lenta e cautelosamente, sem se mexer, para não perder uma única palavra da conversa. «Também não consigo explicar isto doutra maneira, minha senhora», disse o gerente, «espero que não seja nada de grave. Embora, por outro lado, também deva

dizer que nós os homens de negócios — feliz ou infelizmente, como queira — temos de, muitas vezes por razões profissionais, simplesmente superar uma ligeira indisposição.» «Então, o senhor gerente já pode entrar?», perguntou o pai, impaciente, e bateu de novo à porta. «Não», disse Gregor. Na divisão da esquerda fez-se um silêncio embaraçoso, na da direita, a irmã começou a soluçar.

Porque não ia a irmã ter com os outros? Provavelmente tinha acabado de se levantar e ainda não começara a vestir-se. E porque chorava então? Porque ele não se levantou e não deixou entrar o gerente, porque estava em risco de perder o emprego e porque depois o chefe voltaria a perseguir os pais com as suas velhas exigências? Por agora, estas preocupações eram, de certeza, desnecessárias. Gregor ainda estava aqui e não tinha a mínima intenção de abandonar a família. De momento, era verdade que estava em cima da carpete, e ninguém que conhecesse o estado em que se encontrava teria exigido que deixasse entrar o gerente. Mas esta pequena descortesia, para a qual se encontraria mais tarde facilmente uma desculpa adequada, não era razão suficiente para se despedir assim de imediato Gregor. E pareceu a Gregor que seria muito mais razoável deixarem-no em paz, em vez de o incomodarem com choros e conselhos. Mas era justamente a incerteza que afligia os outros e que desculpava a sua conduta.